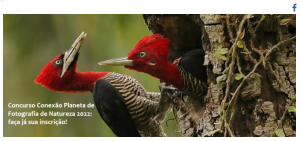


conexão planeta
Inspiração para a ação

#bioconecta

Ocos urbanos, cheios de surpresas

31 de agosto de 2015 Liana John

Quando uma **palmeira** perde sua ponta mais alta – cientificamente chamada de gema apical – ela está condenada à morte. Se a palmeira é adulta, bem desenvolvida, ela ainda pode durar alguns anos até virar pó, mas não produz mais folhas, flores ou frutos: fica reduzida ao caule, morto em pé.

Quando uma **cidade** opta por um paisagismo urbano cheio de palmeiras, o plantio deveria considerar a rede elétrica, para a concessionária de energia depois não sair cortando gemas apicais pelas ruas, deixando um rastro de caules degolados por colocar em risco a fiação. O crescimento das palmeiras, convenhamos, é bem mais fácil de prover do que o de árvores copadas, já que a grande matéria sobe em linha reta com um punhado de folhas igualmente distribuídas no topo.

Mas nem tudo é perda, se há **bioconexões** entre a zona urbana e áreas naturais. Em Campo Grande, no Mato Grosso do Sul, os numerosos caules de palmeiras cortados de propósito ou atingidos acidentalmente por raios não são inúteis. Eles acabam criando ocos, depois ocupados por **araras** para fazer ninhos. Os casais de araras-canindé (*Ara ararauna*) são mais à vontade, instalam-se até mesmo em rotatórias, junto a avenidas movimentadas. Já os casais de araras-vermelhas (*Ara chloroptera*) podem mais privacidade, preferindo as áreas verdes da cidade.

Macho e fêmea trabalham no buraco, alargando ou aprofundando os ocos com os bicos fortes e espalhando internamente as fibras retiradas das paredes, à guisa de forragem. Então a fêmea põe de 1 a 3 ovos e os choca durante 28 dias, com apoio do macho, de quem ganha até comidinha na boca! Quando os filhotes nascem, mãe e pai assumem a tarefa de buscar alimento. E nisso também contam com a colaboração – mesmo que involuntária – de quem planta árvores frutíferas e palmeiras no quintal de casa ou nas praças públicas.

O vai-e-vem de veículos e pedestres à volta dos ninhos não incomoda o casal. Nem as visitas semanais dos biólogos envolvidos com o **Projeto Aves Urbanas – Araras na Cidade**. Idealizado e coordenado por Neiva Guedes, do **Instituto Arara Azul**, o projeto tem a coordenação de campo de Larissa Tinoco Barbosa, doutoranda da Universidade Anhanguera-Uniderp e bolsista pela Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoas de Ensino Superior (Capes). Trabalham com ela, subindo e descendo escadas de alumínio para registrar o estado dos ninhos e pesar os filhotes, os biólogos Aline Calderan, Sabrina Appel (ambas da Anhanguera-Uniderp) e Edson Diniz.

No ano em que foi criado (2011), o projeto registrou posturas de ovos em 17 ninhos, dos quais 13 casais tiveram filhotes e, no final, 16 juvenis voaram. No ano passado, foram monitorados 57 ninhos, 40 casais tiveram filhotes, 36 juvenis voaram. E neste ano já são 4 ninhos com ovos e um com dois filhotes!

Entre as principais causas de mortalidade dos filhotes estão atropelamentos e acidentes com a fiação, sobretudo nos primeiros voos, quando ainda são desajeitados e podem cair, voar baixo demais ou descer até o chão. Mas infelizmente também há casos eventuais de araras juvenis ou mesmo adultas mortas por linhas de pipas com cerol e por apedrejamento.

Em geral, os pesquisadores contam com a colaboração da população. "Um proprietário de terreno com palmeira oca, onde as araras voltam sempre para nidificar, nos entregou uma chave do portão dele, para fazermos o monitoramento mesmo quando ele não está", conta Larissa. O terreno é um ferro-velho e de lá já saíram vários filhotes crescidos, voando.

Em sua borracharia, Alfredo do Amaral Gonçalves, já acompanha o desenvolvimento de filhotes há três anos e viu o casal de araras criar 6 filhotes na mesma palmeira, cada vez mais esburacada. "Um deles caiu no chão, na primeira tentativa de voar", conta ele. "Fomos acudir e, naquela hora, passou um motoqueiro. Ele me disse: *dou R$ 5 mil mais nessa arara, agora.* E eu respondi: *está mais fácil eu chamar a polícia, agora, do que te vender esse filhote*".

A preocupação com o tráfico é real, pois as araras têm alta cotação no mercado ilegal. Mas a vigilância é constante. "Além do nosso monitoramento, a população vizinha aos ninhos está sempre atenta e denuncia à polícia ambiental qualquer movimentação estranha", prossegue a bióloga. "Uma vez estávamos no parque linear, na periferia da cidade, monitorando alguns ninhos em buritis, e a polícia ambiental chegou. Eles vieram em razão de uma denúncia de moradores, que viram as escadas encostadas nas palmeiras, mas não sabiam que eramos nós. Isso mostra a ligação estreita da população com as araras, aves-símbolo de Campo Grande".

Fotos: Aline Calderan (dois filhotes de arara-canindé dentro do ninho)
Edson Diniz (fêmea de arara-canindé, saindo do ninho)
Larissa Tinoco (ninho de araras com ovos)

Leia também:
Arara de cidade grande

Liana John
Jornalista ambiental há mais de 30 anos, escreve sobre clima, ecossistemas, fauna e flora, recursos naturais e sustentabilidade para os principais jornais e revistas do país. Já recebeu diversos prêmios, entre eles, o Embrapa de Reportagem 2015 e o Reportagem Sobre a Mata Atlântica 2013, ambos por matérias publicadas na National Geographic Brasil.

Compartilhe isso:

4 comentários em "Ocos urbanos, cheios de surpresas"

Neiva Guedes
18 de agosto de 2015 em 6:29 PM
Permalink

A ocorrência das araras-canindé e vermelhas em Campo Grande-MS, vem sendo acompanhada desde 1999-2000, quando faltou frutos na zona rural. Aqui, encontraram comida em abundância, se estabeleceram e começaram a se reproduzir. Hoje fazem parte do cotidiano da cidade. É um dos maiores orgulhos da população que faz de tudo para mantê-la livre e cruzando o céu da cidade. Campo Grande, acabou virando a capital das araras.

Resposta

Liana John Autor do post
2 de setembro de 2015 em 7:30 AM
Permalink

Ao acompanhar sua turminha no monitoramento de ninhos de arara, fiquei com inveja de Campo Grande e de suas aves urbanas, Neiva! Parabéns pela iniciativa, executada com a competência de sempre!

Resposta

Christian Quirino Spoto
21 de agosto de 2015 em 3:59 PM
Permalink

Olá Liana!

Muito legal o texto. Vou compartilhar.

Sucesso na nova casa

Abs

Christian Q. Spoto

Resposta

Liana John Autor do post
2 de setembro de 2015 em 7:27 AM
Permalink

Obrigada por nos acompanhar Christian! Seja bem-vindo!

Resposta

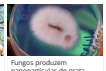
Digite seu comentário aqui...

← Caminhos da vida e encontros com a natureza

Agosto sem chuva agrava crise no Cantareira →

Você pode gostar também

Coquinhos nativos para cabelos veganos
5 de fevereiro de 2016



Fungos produzem nanopartículas de prata antimicrobianas
10 de março de 2016

Som pantaneiro se faz com madeira e arte nas curvas da viola de cocho
16 de março de 2017

Blog Bioconecta

A jornalista **Liana John** apresenta a biodiversidade do nosso cotidiano. Não se trata de uma promessa para um futuro distante. Mas a riqueza de espécies já convertidas em alimentos, cosméticos, corantes, música, tecnologias ou inspiração. Um bem comum que podemos proteger com nossas opções de consumo.

Editorias

Alimentação
Amazônia
Bichos
Cidades
Cultura
Direitos Humanos
Educação
Energia
Entrevistas
Meio Ambiente
Moda
Mudanças Climáticas
Mulheres
Notícias
Povos Indígenas
Resíduos
Saúde

Assine o feed

RSS

Receba novidades por e-mail

Digite seu endereço de e-mail para assinar o Conexão Planeta e receber notificações de novas publicações por e-mail.

Endereço de e-mail

Clique para confirmar

Mais lidos

Celebração pelo nascimento de anta-malaia, espécie que perdeu 50% de sua população nos últimos 40 anos

Namoro-constante de Araçy e Acerdia, onça "adotada" por Richarlison, cria expectativa para nascimento de novo filhote no Pantanal

Artista americano retrata Wandinha e a 'Família Addams' como negros e as imagens viralizam nas redes sociais

Concurso Conexão Planeta de Fotografia de Natureza 2022: as inscrições já estão abertas! Faça já a sua!

Selo decapitado de filhote de leão é o grande vencedor do Comedy Wildlife Photography 2022

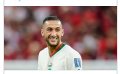
Siga no Facebook

Siga no Twitter

Tweets de @conexaoplaneta

Conexão Planeta
@conexaoplan... · 19 min

Jogador do #Marrocos, #HakimZiyech, dos selétio para funcionários da seleção e pessoas carentes de seu país. Apesar de nascido na Holanda, filho de imigrantes tentando vida melhor na Europa, atleta decidiu vestir camisa da seleção da terra natal dos pais: bit.ly/3uONHrO



1 4

Veja mais no Twitter

Copyright © 2021 Conexão Planeta. Todos os direitos

Utilizamos cookies essenciais e tecnologias semelhantes de acordo com a nossa Política de Privacidade e, ao continuar, você concorda com estas condições. Ok Política de Privacidade